

# A CONVERSÃO DE PAULO

Em 34 Quintilius Flavius inicia a investigação encomendada por Pontius Pilatus sobre a morte e o desaparecimento do corpo de Jesus. Neste mesmo ano entrega suas conclusões a Pontius Pilatus que o remete a Tiberius, Imperador Romano e Herodes Antipas rei dos hebreus.

Em 35 seu filho Martius Flavius, que fora ferido gravemente em combate pela VIª Ferrata na Síria, dá baixa da legião e vem juntar-se ao pai em sua propriedade. Traz sua mulher Rula e seus filhos Silvestra de 11 anos e Vincentius de 9 anos..

QF ampliara a propriedade, comprara mais escravos e criava ovelhas, mulas e gado além de alguns camelos. Cultivava trigo, cevada, oliveiras, e frutas além de diversos legumes e verduras. Sua produção ia toda para Jerusalém principalmente para o abastecimento da Xª Fretensis. Provia outras legiões mais distantes na Síria, Jordânia, Turquia e Egito principalmente de animais de carga como mulas e camelos além de lã e couro.

## JERUSALÉM

Saulo estava presente no ano de 36 no julgamento de Stephanos. Os membros do Sinédrio fizeram sérias acusações ao rabbi: blasfêmia, heresia, desídia e apostasia, enfim, coisas que poderiam condená-lo à morte.

Saulo conhecia Stephanos e sabia de sua adesão à seita de Jesus. Aos seus olhos Stephanos era indubitavelmente um herético embora um homem bom e correto. Talvez por estes sentimentos ambíguos, sentiu certa angústia quando os membros do Sinédrio, aos brados levaram Stephanos ao poço de apedrejamento. Suas vestes foram rasgadas e ele brutalmente jogado no fosso. Stephanos ajoelhou-se e rezou em voz alta um louvor a Deus e seu filho dileto Jesus.

“Blasfêmia” pensou Saulo. Alguns sacerdotes do Sinédrio depuseram suas mantas aos pés de Saulo para que as guardasse. O jovem Saulo estava realmente apreensivo pois presenciava um apedrejamento com a participação dos doutos do templo.

Azariah, um dos mais incisivos acusadores empunhou uma grande pedra e arremessou-a contra Stephanos. Apesar da curta distância o projétil não o atingiu, porém, em sequência, dezenas de petardos foram lançados e atingiram o mártir. O enxame de pedras continuou numa crescente excitação coletiva que incluía gritos e insultos. Stephanos logo se calou para sempre.

Saulo não atirara pedras e o espetáculo o incomodara. Os sinedristas limpavam-se do sangue que os aspergira e recolheram suas vestes junto a Saulo.

Nos dias subsequentes, meditando sobre o episódio concluiu que apesar da violência vivenciada não houvera injustiça. Stephanos demonstrara toda sua insubmissão à Lei e assim tinha consciência das consequências. Afinal, contestou a palavra de Deus e para isso não há perdão. O incômodo que sentira apenas se atenuou.

A repercussão do apedrejamento foi grande. Muita gente acorreu ao Templo para pedir explicações, pois afinal Stephanos fora um figura pública bastante admirada. As discussões entre o povo e os rabinos eram infundáveis. Saulo e outros estudantes do templo foram chamados para atender aos demandantes e lhes explicar a gravidade das acusações a Stephanos. Saulo e seus pares passaram a ter uma atividade adicional determinada pelo Sinédrio que era identificar os hereges da seita de Jesus e entregá-los à guarda do Templo, onde seriam julgados e punidos. Identificá-los era fácil pois a maioria ou era da família do próprio Jesus, da cidade de Nazaré e ao redor, mas prendê-los e levá-los à guarda do templo era perigoso pois havia resistências por vezes com violência.

Tinham a ajuda de outros grupos como os Fariseus, ao qual pertencia Saulo, os zelotes, saduceus, levitas etc. Não podiam contar com os romanos que se recusavam a se intrometer nas questões dos judeus, principalmente depois do envolvimento de Pontius Pilatus na execução de Jesus. Pilatus foi removido do cargo de Prefeito de Jerusalém no fim do ano 36 e substituído por Marullus. Em 37 Caifás é substituído por Jônatas.

As determinações para perseguir os devotos de Jesus continuaram e Saulo fora seguidamente encarregado de prender os hereges.

Saulo dedicou-se intensamente a esta tarefa e não foram poucos os que detivera em Jerusalém e arredores. Muitos foram condenados à morte o que não agradava Saulo. Ele abominava os que se apartavam das leis de Deus, ditadas a Moisés e nas revelações dos profetas. Cria que Deus mandaria um messias segundo as profecias, mas não seria este Jesus. Por outro lado, era-lhe incômodo ver muitos homens bons, que inclusive conhecera, condenados e mortos de forma humilhante. Admirava-se por vezes ao presenciar o fervor de fé com que enfrentavam o suplício. Teve a oportunidade de conversar com muitos deles e era tocante a convicção de que o tal Jesus era mesmo um enviado de Deus. Recordava-se sempre das palavras de Stephanos durante o seu ordálio, exortando o Galileu como seu senhor e indicado por Deus. Stephanos não fora um qualquer, mas um mestre temente a Deus e respeitado por sua cultura e exemplo de vida correta. Como se deixara levar por esta seita herética e abominável? No entanto, perguntara a Gamaliel se era justo o sacrifício destes devotos ao invés de simplesmente ignorá-los ou reeducá-los na Lei.

Gamaliel em certa ocasião, também intrigado pelos relatos de Saulo sobre a devoção dos dessa seita disse-lhe que se eles, como lhe parecia, estavam num caminho errado, certamente Deus os afligiria e então desapareceriam como tantas outras seitas que já existiram, mas se eles estiverem certos logo teremos os sinais disto, portanto ele também considerava um exagero tanto zelo em perseguir este grupo.

O boato de que Jesus ressuscitara era cada vez mais citado até em regiões distantes, principalmente na cidade de Damasco onde havia uma grande comunidade de judeus. Era crescente o número de testemunhos contando da sua aparição e contacto com os fiéis. O Sinédrio estava muito preocupado, tanto que no final do ano de 37 encarregou Saulo de levar um grupo de fiéis seguidores do Sinédrio até Damasco e prender quem fosse identificado como discípulo do herético Jesus. Contaria com a colaboração das sinagogas de lá. O Sumo Sacerdote, pessoalmente entregou a Saulo o relato da investigação feita por Pontius Pilatus e encaminhada ao Rei Herodes. Saulo leu e releu o relatório e decidiu que antes de partir para Damasco deveria conversar com Quintilius Flavius, o investigador de Pilatus.

Feitos os contatos Saulo encontrou-se com Quintilius na fortaleza Antonia em local discreto e confortável cedido por Marullus, o novo prefeito de Jerusalém ao qual QF apelara.

Quintilius já conhecia Saulo pela sua fama de fabricante de tendas para a Xª Fretensis e outras legiões, aliás, tendas muito boas. Também soubera de sua rigorosidade com aqueles que discordavam do Sinédrio e de como este assunto estava perturbando os judeus da corte e do Templo. Por isso mesmo comunicara a Marullus o pedido de encontro de Saulo, pelo Sinédrio, e decidira encontrá-lo no interior da fortaleza romana.

Em um aposento discreto, destacado pelo prefeito, Quintilius Flavius aguardava a chegada de Saulo. Apenas os dois ocuparam o recinto, somente interrompidos pelos escravos do Prefeito servindo-os de comida e bebida.

QF ficou bem impressionado com Saulo, que falava um latim muito bom e demonstrava sagacidade e cultura. Era um homem pequeno e com uma fulgurante personalidade. A conversa se estendeu pela manhã e como previra QF, abordou as conclusões do relatório da investigação sobre a morte de Jesus. No entanto, o que Saulo realmente queria era saber sobre a visita que QF fizera a Damasco:

- A comunidade de seguidores desta seita é grande nesta cidade? Perguntou Saulo.

- E de razoável tamanho, maior do que aqui em Jerusalém.
- É fácil abordá-los e identificá-los?

QF percebeu que Saulo buscava informações para se preparar para enfrentá-los. Isto irritou QF, mas ele não quis demonstrar esta contrariedade. Saulo por diversas vezes insistiu em maiores detalhes sobre onde poderia encontrar em Damasco os seguidores de Jesus. QF então perguntou:

- Por que razão os judeus do Sinédrio têm tanta ojeriza aos seguidores do Galileu?  
- Eles são, por nossa lei, hereges e apóstatas, além de difundirem os boatos da ressurreição deste Jesus, coisa abominável.

- Pois o que vi não foi este espírito de rejeição entre eles. Muitos judeus de Damasco e mesmo alguns gentios referiam-se a Jesus como um homem santo, e de fato a doutrinação dele não era beligerante, muito pelo contrário. É certo que pregam a desobediência ao Sinédrio e talvez por isso e não pela heresia sejam tão combatidos.

- Pelo visto – respondeu Saulo – você ficou bem, impressionado por eles.

Esta última assertiva de Saulo lhe provocou uma irritação maior ainda e retrucou:

- Eu sou romano, um centurião aposentado. Combati durante décadas pelas legiões, vi muitos povos apelando para que seus deuses os protegessem, mas nenhum deles pôde conter o exército de Roma. Houve massacres, todo tipo de violência era perpetrada pelas tropas romanas. Também éramos atacados impiedosamente e vi muitos companheiros serem torturados e mortos. Eu mesmo fui ferido várias vezes em combates, também matei muita gente, inclusive mulheres e crianças. Essa é a lógica da guerra, cruel, impessoal impiedosa. Tudo para impor o jugo de Roma, tudo por riquezas e poder para obtê-las. Vejo nas palavras dos seguidores de Jesus um fervor ingênuo na esperança de um mundo melhor e mais justo, livre de toda essa violência, mesmo que seja num reino sobrenatural. É o que ele inspira nas pessoas quando elas o veem e falam com ele.

- Como assim? São aparições de um espírito?

QF na sua irritação falara mais do que devia. Ficou algum tempo em silêncio, vendo a expressão perplexa de Saulo e provavelmente ele via a mesma coisa na sua face, até que tomou a decisão e revelou:

- Jesus está vivo. Não sei lhe explicar como ele pôde sobreviver ao suplício e eu até mesmo quase acreditei na ressurreição, mas o fato é que o encontrei em Damasco, vivo, muito vivo.

- O que o faz crer que era mesmo ele?

- Os testemunhos dos que o conheceram e que não me davam motivos para dúvidas. Ademais eram visíveis as cicatrizes em seu corpo, condizentes com o escarmento que sofreu.

- Então os boatos são verdadeiros?

- Não são boatos. Ele vive e prega na região. E se você pretende encontrá-lo e encarcerá-lo sugiro que leve uma centúria junto porque seus seguidores irão protegê-lo.

Saulo estava realmente estupefato e visivelmente perturbado. Apenas murmurou: “Ah! Isto é muito grave”.

A conversa seguiu um rumo inesperado onde QF percebeu que a empáfia inicial de Saulo ao se apresentar e revelar os seus intuitos desaparecera. Seu olhar revelava algum temor e QF julgou que a missão que fora confiada a Saulo estava acima de suas forças. Ele seria responsável por avivar uma chama que poderia virar um incêndio incontrolável.

QF esperou que ele se acalmasse e educadamente encerrou a conversa.

Quando deixou a Fortaleza Antônia, antes de retornar à sua fazenda QF procurou alguém da família de Jesus e alertou-o sobre a viagem de Saulo nos próximos dias.

Em casa comentou o fato com seu filho Martius, sua nora Rula e o fiel Yussuf.

Todos de um jeito ou outro perguntaram o motivo que o fizera contar a Saulo a verdade sobre o paradeiro de Jesus. QF respondeu:

- Este Saulo é um homem muito inteligente, preparado e ambicioso em agradar o Sinédrio. É um intransigente defensor das leis judaicas e se chegar a Damasco certamente descobrirá o paradeiro de Jesus e se tentar prendê-lo ou matá-lo desencadeará uma comoção na comunidade local. Quando eu revelei a verdade ele se abalou porque se viu, penso eu, combatendo um mito cujos seguidores não se deixarão abater facilmente. Isto lhe trouxe medo porque não era mais apenas prender pessoas indefesas e sim enfrentar um grupo disposto a dar a própria vida em defesa de suas crenças.

- Mas ele desistiu da missão?

- Não, pois não acreditou em minhas palavras, mas não irá com a audácia que parecia demonstrar de início.

- Por isto você avisou à família?

- Com certeza. Agora existe uma situação bem clara para os dois lados. Será um confronto onde estarão sabendo exatamente o que disputam.

A família de QF terminou sua refeição vespertina com a certeza que esta história teria desdobramentos. Rula rezou fervorosamente por Jesus.

## **DAMASCO.**

Depois do encontro com QF, Saulo toma o rumo de Damasco, certo que encontraria muitos seguidores de Jesus. Planejava trazê-los a Jerusalém, para que fossem julgados pelo Sinédrio, no entanto, o que QF lhe dissera repercutia em sua mente. Não acreditara no relato do centurião, mas além dos boatos, os testemunhos de Jesus vivo aumentavam. Estaria Saulo perseguindo um fantasma? Como seria possível combater um espírito?

Levaria uma semana e meia para chegar a Damasco e nesse tempo pôde refletir sobre a sua missão. Tinha dúvidas, mas devia cumprir sua obrigação.

A notícia da caravana de Saulo chegara a Damasco bem antes dele, fruto da informação de Quintilius. Os fiéis a Jesus reuniram-se para decidir o que fazer. O encontro se deu na casa de Ananias. Os presentes se dividiram em suas opiniões. Uns entendiam que não se deveria combater Saulo com violência, e era esse grupo que contava com a simpatia de Ananias. Outros pretendiam resistir e lutar contra Saulo. As acaloradas discussões duraram dois dias sem se chegar a nenhum consenso. Ananias mais uma vez tentou dissuadi-los da violência.

- Ainda assim – disse Adiel um dos mais inflamados defensores de Jesus – devemos combater Saulo e seus sicários. Temos a vantagem da surpresa, pois como constatamos, nem as Sinagogas sabem de sua vinda.

- Eles sabem – adicionou Caleb, também partidário do confronto – mas não têm ideia de quando. Estamos realmente à frente dos fatos, não devemos perder esta oportunidade.

- É muito arriscada esta ação – ponderou Ananias - Eles reagirão com violência contra nosso povo.

- Mais do que têm feito? – rebateu Caleb.

- Então – acrescentou Adiel – vocês protegem Jesus e nós combatemos Saulo..

- Se possível com um mínimo de violência – Ponderou Ananias – Talvez dispersá-los seja suficiente.

- Caro Ananias, muito prezo suas palavras de tolerância - falou Abdias, outro partidário do confronto – mas não é o caso aqui. Saulo vem com a missão de aprisionar o maior número possível de seguidores de Jesus e levá-los para Jerusalém onde certamente serão mortos. É uma agressão intolerável contra pessoas inocentes. Portanto,

devemos combater toda iniquidade e injustiça, na mesma medida em que somos atacados. O que virá no futuro, caso não reajamos, só pode ser pior. Iremos combatê-los.

Houve manifestações de júbilo e críticas entre os presentes, e seguiu-se um vozerio enorme de discussões. Finalmente Ananias acalmou a todos e deu a palavra a Jed, que era totalmente contra aquela ação:

- Todos sabem a minha opinião contrária a usar a violência, creio que em uníssono com nosso mestre Jesus, mas também não posso recriminar os irmãos que desejam se defender justamente. Rezarei para que tudo se resolva sem confronto, mas entendo como vocês se sentem, pois muitos de nós já tivemos amigos, parentes e filhos mortos por estes fanáticos.

Isto marcou o fim da reunião. Os beligerantes imediatamente se organizaram para a luta.

Adiel, Caleb, Eli e Hiran todos com experiência militar, pois serviram nas legiões romanas, eram os chefes dos quatro grupos que se formaram cada grupo com dez homens. Possuíam alguns gládios romanos, lanças e tinham porretes e facas.

Adiel, que comandava a todos explicou como fariam:

- Eles virão pela estrada de Jerusalém e certamente entrarão pela porta sul, entretanto deverão pernoitar algumas léguas antes para poderem entrar na cidade ainda de dia. Há um local oito léguas na estrada antes da cidade onde os viajantes costumam acampar. Esperaremos a caravana de Saulo antes que cheguem neste ponto. Estarão cansados da jornada. Atacaremos por quatro lados. Nosso objetivo é dispersá-los, se possível sem mortes, e capturar Saulo. Assim quer nosso Jesus, que nos abençoa.



Dois dias depois, conforme o plano, os partidários de Jesus emboscaram a caravana de Saulo. Na refrega houve mortos e Saulo foi ferido com gravidade por vários golpes na cabeça. Jogado no lombo de uma das mulas foi conduzido até um vilarejo fora da cidade onde ficou sob os cuidados de Ananias.

Quando Saulo recobrou a consciência um dia e meio depois percebeu que não enxergava devido ao inchaço do rosto e dos olhos, injetados de sangue. Seu corpo todo doía e mal conseguia engolir. Passaram-se vários dias e ele foi lentamente se recuperando. Sem atinar onde estava nem o que tinha acontecido apenas recebia os cuidados das pessoas que o atendiam. Ficou confuso, pois em seu raciocínio ainda conturbado deveria ter sido morto no ataque, mas ainda estava vivo e sendo atendido gentilmente. Concluiu provisoriamente que fora atacado por salteadores na estrada e salvo por habitantes locais. Escapara por milagre da morte. Mais uns dias se passaram até que pudesse falar com dificuldades. Ao ser atendido por alguém perguntou:

- Quem são vocês que me salvaram? O que foi que aconteceu?
- Por favor, não tente falar por enquanto, deixe sarar mais um pouco e lhe contaremos tudo. – respondeu uma voz masculina com tranquilidade e cortesia.
- Os meus companheiros? Onde estão?
- Fugiram depois do ataque e alguns foram mortos.
- Quem nos atacou?
- Provavelmente bandoleiros da estrada. Tem acontecido.

Saulo ainda quis fazer mais perguntas, porém se cansou e, além disso, não mais lhe respondiam. Mais uma semana se passou e rapidamente recuperava sua saúde, já

distinguia os vultos, sua face desinchara bastante e seu corpo já não doía tanto. Sua fala agora estava mais firme e inteligível. Continuou perguntando a seus benfeitores sobre o episódio, sempre recebendo as mesmas respostas vagas. Então com o passar do tempo sua visão ficou nítida, podia se locomover com algum esforço e se alimentava sozinho. Verificou que estava em um cômodo pequeno, bem iluminado, em um leito confortável feito de peles e vinha sendo atendido por algumas mulheres e um homem, da voz cordial que sempre lhe atendia com um sorriso. Puseram uma mesa e bancos em seu quarto de tal forma que se sentindo mais forte pode entabular uma longa conversação com seu anfitrião.

- Meu nome é Saulo de Tarso e vim a Damasco numa missão do Sinédrio do templo de Jerusalém. Deveria entrar em contato com as Sinagogas para prosseguir na missão de encontrar hereges seguidores de tal de Jesus prendê-los e levá-los a Jerusalém para serem julgados.

- E o que de tão grave acusam Jesus e seus seguidores?

- São hereges que negam os livros sagrados e propagam que Jesus é o enviado de Deus. Negam-se a fazer sacrifícios no Templo e não pagam seus dízimos. Jesus foi crucificado, seu cadáver desapareceu e seus seguidores afirmam que ele ressuscitou. Quer mais heresia do que isto?

- Ah! – completou o dono da voz cordial – Ainda mais que a sagrada aliança de Deus com o povo judeu deve ser refeita para incluir todos os gentios e que o sinal da aliança não é mais a circuncisão, mas o batismo.

- Então você conhece bem as ideias e os seguidores de Jesus?

- Saulo, eu sou Ananias.

- Oh! Já ouvi falar de você. O centurião me contou que o encontrou.

- Sim, Quintilius Flavius, que investigou a morte de Jesus para Pontius Pilatus. Ele esteve aqui mesmo nesta casa onde encontrou com o Mestre.

- Ele me contou – afirmou Saulo um tanto exaltado – mas não o levei a sério.

- Pois ele lhe contou a verdade. Jesus está vivo e entre nós.

- Então os boatos sobre a ressurreição têm um fundo de verdade. Jesus sobreviveu ao martírio, como afirmou para mim QF.

- Para os seus seguidores não há nenhuma dúvida que Jesus ressuscitou, mas ninguém é obrigado a crer nisso.

- Devo concluir então que sou um refém de Jesus?

- Oh! Não, de jeito nenhum. Soubemos de sua vinda desde Jerusalém e do objetivo de sua missão. Houve muita angústia sobre isso e revolta também. Você foi atacado por um grupo seguidor de Jesus que desejava se proteger das possíveis injustiças que seu pessoal, junto com as Sinagogas, fariam a nossa comunidade. Jesus ele mesmo foi contrário a esta atitude, mas, não é fácil controlar a indignação de quem já sofreu com isto. Jesus exigiu que o trouxessem vivo, o que quase não aconteceu, mas enfim você está aqui.

- E o que será de mim?

- Jesus quer conhecê-lo. Você irá se encontrar com ele em breve e então ele lhe dirá o que será de você, mas acalme-se nada nem ninguém o machucará.

- Quem me atacou não pensa assim.

- Creia, iremos lhe proteger a todo custo. Assim quer Jesus.

Durante os dias que se seguiram Saulo e Ananias conversaram longamente. Sem a tensão de que poderia ser morto a qualquer momento e de certo modo grato pelos cuidados que tiveram com ele Saulo envolveu-se nas conversas que com frequência incluíam outros seguidores de Jesus, como Barnabé e Judas, primo de Jesus. Foram postas em discussão não só as doutrinas como as consequências práticas delas Embora não se chegasse a uma conclusão específica, no fundo de sua alma Saulo desarmara-se do ódio que alimentara contra os seguidores do Galileu. Reconheceu intimamente que

eles tinham razão quanto à corrupção do Sinédrio e avareza dos sacerdotes. Também sentia remorsos pelos sofrimentos e mortes desnecessários de muitos que ajudara a prender. Seus carcereiros, porque ainda se considerava um refém, eram amistosos quase amorosos e claramente respeitavam sua erudição. Não se sentia realmente um inimigo para eles. Pensava vez por outra o que faria se fosse libertado. Voltaria a Jerusalém para ser arguido pelo Sinédrio? Inquietava-se com as possibilidades, mas certamente jamais faria outras missões como aquela.

Então, na alvorada de um destes dias, Ananias lhe disse:

- Prepara-te porque vamos nos encontrar com Jesus.

Seguiram por uma estrada, em lombo de mulas por um par de horas até um vilarejo com algumas casas típicas da região. Ananias conduziu-o a uma das casas e entraram em um cômodo amplo, bem iluminado onde havia bancos, uma mesa e sentado na cabeceira da mesa estava Jesus.

Saulo estava emocionado e se perguntava no que redundaria tal encontro.

Entreolharam-se, Jesus se levantou, dirigiu-se a Saulo e numa voz firme e calma perguntou-lhe:

- Saulo porque me persegues?

Saulo ficou em silêncio por um longo tempo, olhando Jesus, incrédulo com o que via. Foi tomado por inúmeros sentimentos ao mesmo tempo. Estava confuso, ainda mais pela pergunta que lhe fora feita. Teve medo, pois tal questão poderia ser entendida como uma admoestação sobre sua conduta. E se não fosse realmente Jesus, mas um impostor? Deveria desafiá-lo quanto a isso? Estaria sendo julgado naquele momento? O fato era que estava totalmente à mercê de Jesus e seus seguidores. Poderiam matá-lo. Mas porque ainda não o fizeram? Saulo não sabia o que responder. Sua inquietação assomava-se e tornara-se totalmente perceptível no seu semblante, em suas mãos trêmulas e na sua mudez. Sussurrou alguma resposta, mas não terminou a frase. Por fim buscando coragem no fundo de sua alma tartamudeou:

- Então estais vivo? Sois vós mesmo?

- Não lhe peço que acredite no que ouviu, mas em seus olhos e sua mente.

Jesus o abraçou dizendo:

- Quantas provas mais devo lhe dar para que acredites que estou vivo?

Tremendamente emocionado, com a voz trêmula, ainda atônito com toda a circunstância, virou-se para Ananias e depois para Jesus e perguntou:

- O que será de mim agora?

- Estás livre, Saulo – respondeu Jesus – podes voltar a Jerusalém e contar a todos que me encontrou vivo, que falou comigo, que me tocou.

Aquela foi a mais inesperada resposta que Saulo sequer imaginara ouvir.

Imediatamente sentiu um enorme alívio, mas uma grande desconfiança no real intuito de Jesus e seus seguidores. Então sem controlar seus pensamentos perguntou:

- Que garantias eu tenho que serei poupado, que poderei sair daqui vivo e retornar para Jerusalém?

- Não se deixe dominar pela desconfiança, pelo medo, pelo rancor ou pela soberba.

– falou Jesus - Confie nas pessoas. Ouça-as. Acredite em si mesmo e nos outros. Julgue com sua própria mente pelo que vê e vive. Tu segues a lei, frequentas o templo, praticas os rituais, tudo parece bom e justo, mas ainda assim persegues aqueles que não conheces, porque te disseram que eram maus. Porque não os julgas tu mesmo? Porque não perguntas a eles como se sentem. Quantos foram postos nas masmorras, mortos e supliciados simplesmente porque não fizeram o que os rabinos do Sinédrio determinaram? Pois eu digo que estes injustiçados estão certos. Deus se apresenta para todos sejam judeus ou gentios e lhes promete não apenas a redenção de seus espíritos, mas de seus corpos. Este é o significado da ressurreição, Saulo. É preciso que tu creias nela não como um fato extraordinário da carne, mas como um renascer do espírito, que

não admite injustiças em nome de Deus. Não há pecado irredimível perante Deus. Portanto, estás livre de qualquer servidão, porque assim o quer Deus.

Saulo, em profunda comoção, juntou as mãos e num gesto de humildade ajoelhou-se. Ficou assim por minutos, sem falar nada enquanto sua consciência era tomada de remorsos pelos que fizera. Admitia que errara, que cometera tais atos por ambição de poder, que não tivera coragem de se negar a praticá-los e que sempre o soubera injustos. Seu temor a Deus, enquanto estudava as leis era falso. Cumpria os rituais e aquilo era uma desculpa para se proteger de ter de admitir a culpa por seus pecados contra seus semelhantes. Saulo estava exausto. Levantou-se, dirigiu-se a Jesus abraçou-o e pediu a Ananias que o levasse para onde pudesse descansar. Foram acolhidos em outra casa contígua.

Mais dias se passaram e Saulo teve tempo e oportunidade de conversar com Jesus e seus discípulos.

Não podia deixar de admirar Jesus cujas atitudes com seus semelhantes eram sempre envoltas em muito afeto, tolerância e compreensão. Ele pregava de forma muito simples o amor entre as pessoas e na prática aboliu a ideia de pecado irreparável. Todos podiam ser perdoados desde que retirassem o mal de suas almas. Era uma mensagem muito poderosa.

O tempo passava, Saulo meditava e rezava, abalado em suas convicções. Corria o ano de 38.

## A FUGA DE DAMASCO

Entre os seguidores de Jesus, em Damasco, espalhou-se a notícia que Saulo seria libertado por ordem do Mestre. Ninguém ousava contestar tal ordem, mas muitos em seus corações não a aceitaram. Havia neles o desejo de vingança, pelo que sabiam das arbitrariedades de Saulo. Temiam que tão logo fosse liberado ele viria a persegui-los novamente. Alguns planejaram matá-lo. Tal situação chegou ao conhecimento de Ananias que por experiência sabia não haver possibilidade de negociação. Eram pessoas muito magoadas e difíceis de convencer do contrário. Por conta disso falou com Saulo sobre a situação:

- Vamos tirá-lo daqui de Damasco o mais rápido e da forma mais discreta possível. Deves seguir para mais longe que puder. Será amanhã, na madrugada. Te daremos uma mula, suprimentos e um dos nossos o acompanhará até a saída da cidade, depois estarás por conta própria. O Mestre te abençoa.



Então, na madrugada do dia seguinte acompanhado por dois homens de Ananias dirigiram-se ao Portão de Saturno, a sudoeste da cidade onde Saulo seguiu com sua escolta até o amanhecer. Eles voltaram e deixaram-no sozinho. Saulo hesitava quanto ao caminho que deveria tomar, foi em frente assim mesmo e quando se deu conta, depois de algumas léguas, viu que ia em direção ao poente. Duas jornadas depois entrava na cidade de Sidon. Lá, procurou por um comerciante que conheceria dos tempos em que vendia tendas com seu pai. Pouco depois embarcava para Tarso aonde

chegou depois de dois dias e meio.

Familiarizado com a cidade e conhecendo muitos habitantes logo chegou à casa de seus pais. Foi imediatamente reconhecido pelos trabalhadores da oficina e não demorou

seu pai Joaquim e sua mãe Estér, juntamente com Lea sua irmã, seu sobrinho Levi e seu cunhado Meir vieram encontrá-lo com grande agitação e alegria.

Houve comemoração pelo resto do dia e no dia seguinte por ser o Shabat Saulo pode descansar e relaxar. Os dias se passaram e Saulo pôde conversar longamente com seus familiares, relatando sobre sua vida em todos aqueles anos que ficara afastado. Joaquim, numa conversa privada indagou:

- Houve um relato há alguns meses de um de nossos clientes que você fora morto em Damasco por bandoleiros, mas como vejo que não é verdade, ainda assim pelo que você nos contou foi algo muito importante.

- Sim, mas não apenas pelo ataque no qual quase fui morto, mas pelas circunstâncias de onde, como e porque aconteceu.

Saulo então contou todo o intrigante evento do encontro com Jesus:

- Não quero que tais fatos sejam comentados, pelo menos por enquanto, fora de nossa casa.

- Oh! Certamente que não, mas cedo ou tarde virão outras versões e de qualquer forma temos de dar alguma resposta. Afinal você estava numa missão do Sinédrio e creio que eles já devem estar cientes dos acontecimentos, pelo menos em parte. Você fez muito bem retornando para casa. Aqui estás protegido.

- Preciso de algum tempo para refletir sobre tudo. Minha vida, minhas ambições e meus atos. Pretendo ficar um bom tempo e mesmo voltar a trabalhar na oficina.

- Serás muito bem vindo, como sabes, além do que estamos realmente precisando de mãos a trabalhar. Os negócios prosperam e as encomendas aumentam.

Desta forma logo Saulo preenche seus dias trabalhando nas oficinas de confecção de tendas e outros utensílios, atendendo aos clientes e fazendo algumas viagens para cidades próximas entregando as encomendas. Por força destes contatos logo conhece vários discípulos de Jesus e quando era identificado vê que sua história já havia se espalhado nessa comunidade:

- Então és Saulo, o enviado do Sinédrio que esteve com o Mestre ressuscitado e foi abrigado por ele e salvo da morte?

Ele tentava explicar o que realmente ocorrera mas em vão, sua história passou a ser contada como mais uma intervenção miraculosa de Jesus. Aos poucos deixou de dar sua versão e procurava indagar sobre a repercussão do episódio. O fato é que não havia ressentimento nas falas, talvez alguma contrariedade quanto ao objetivo de sua missão. Logo Saulo buscava desfazer tal impressão afirmando que jamais retornaria a praticar tais atos, dos quais muito se arrependia. Isto dava a oportunidade dele discutir mais sobre a doutrina de Jesus. Saulo sempre se surpreendia com a simplicidade das argumentações dos discípulos de Jesus, não havia mistério na relação divina entre Deus e o homem pois isto era feito diretamente por meio de seu filho Jesus:

- Mas temos os livros sagrados, a aliança de Abraão, os ensinamentos de Moisés, a Torá e a lei e seus preceitos a serem cumpridos por exigência do próprio Deus.

- Todos estas coisas, que são de fato sagradas foram substituídas pela nova aliança, feita por seu próprio filho, Jesus. É através dele que todos os pecados são redimidos, ele se sacrificou por todos nós e isso inclui a todos mesmo, judeus e não judeus. Continuamos a seguir as leis, não mais como uma obrigação imposta mas por respeito ao próximo que devemos amar e respeitar como Jesus fez por todos nós. Esta é a verdadeira salvação, o único rei é Jesus, o enviado de Deus.

Este discurso se repetia com algumas variações que diziam respeito às normas e preceitos a serem obedecidos, Havia como se podia prever diferenças marcantes entre o que os não judeus deviam obedecer e os judeus convertidos. As duas maiores divergências diziam respeito à consagração à Deus no nascimento, selando a aliança dos judeus com Jeová, através do ritual da circuncisão e os preceitos relativos à alimentação e conduta pessoal descrita na Torá. Os não judeus não praticavam a circuncisão e se

consagravam através de um ritual de purificação pela água, o batismo e não respeitavam nenhuma dos preceitos alimentares e também de conduta pessoal. Havia no entanto um ponto em comum entre eles, nenhum discípulo de Jesus, judeu ou não judeu, praticava os sacrifícios animais e não pagavam os dízimos ao templo.

- Jesus não pratica sacrifícios de animais porque para agradar a Deus cada um se basta através das orações, jejuns e celebrações. E porque eu deveria dar dinheiro tanto para o abate de animais como para sustentar os rabinos do templo? Não preciso de ninguém me dizendo como respeitar as leis de Deus, pois o próprio enviado dele me diz o que fazer. Respeitar o próximo com a ti mesmo. – Assim argumentavam quase todos os fiéis de Jesus.

Saulo podia até mesmo contabilizar as perdas monetárias dos templos e das sinagogas à medida que diminuía a compra de animais consagrados para o sacrifício, além do não pagamento dos dízimos. Isto afetava todas as sinagogas, pois era um fulgurante comércio vender os animais e enviá-los ao sacrifício em Jerusalém, único local onde isso poderia ser feito segundo a lei do templo. Quanto aos não judeus, embora sem parâmetros para medir julgou que as perdas eram significativas pois a prática dos sacrifícios era bastante difundida.

- Mas vocês pagam os tributos aos romanos – argumentava Saulo.

- É fato, mas eles não nos prometem salvação ou qualquer outra coisa, mas têm um exército formidável e mantém nossas cidades e estradas seguras.

Saulo percebia que a doutrina de Jesus se espalhava com muita facilidade entre as populações mais humildes, de escravos e servos. O discurso da pobreza e da virtude ressoava positivamente entre eles, mas também havia alguma aceitação entre as populações mais abastadas de não judeus.

A ideia da ressurreição estava firmemente arraigada e era um dos pilares desta nova fé. Saulo percebeu que tal ideia surgiu em parte pela forma como o Sinédrio tratou o assunto. Tão logo após a crucificação os Raban do templo enviaram mensageiros para as sinagogas de inúmeras cidades dando conta que o herege Jesus havia sido executado pela crucificação. Isto foi objeto de celebrações nas Sinagogas, algumas com testemunhas presenciais. Porém, após algum tempo começaram a surgir os boatos da ressurreição. Não eram apenas comentários de seus partidários mas relatos de várias pessoas, inclusive não judeus que afirmavam tê-lo visto, falado com ele e o tocado. Tais relatos aumentavam com o tempo e ocorriam em diferentes cidades. Passada já quase meia década do martírio os relatos continuavam. Saulo, diante do que vira, o próprio Jesus em carne e osso, e dos relatos de Quintilius teve certeza que Jesus sobrevivera, talvez até mesmo por um milagre, e que suas aparições continuavam dando força à versão da ressurreição. Como argumentava um de seus clientes:

- Você viu Jesus, pois não?

- Sim, o vi, falei com ele e toquei-o.

- Tem certeza que era ele?

- Não tenho dúvida.

- Então, se ele morreu como divulgou o Sinédrio, e há testemunhas de sua morte, como pode estar vivo agora senão pela ressurreição?

- Talvez tenha sobrevivido, por milagre.

- Então, de um jeito ou de outro foi um milagre de Deus. Logo não há dúvida que é o filho de Deus. Além de tudo sua palavra e os prodígios relatados confirmam.

Saulo ouvia tudo isso, guardava em sua memória e tentava entender o que realmente estava acontecendo.

## **.A epifania de Saulo em Tarso**

“Jesus, de um jeito ou de outro”, concluiu Saulo em determinado momento de reflexão, “é realmente um ressurreto e sua mensagem, também de um jeito ou de outro, é universal e boa”.

Ela tinha o dom de incitar o ideal de liberdade e de justiça para todos, não somente no reino dos céus, mas aqui e agora. Aproveitava todos os bons mandamentos da lei judaica e os oferecia sem intermediários ao povo em geral: “Somos todos iguais perante o Deus”, dizia.

Tão convencido ficou deste sentimento que se sentiu disposto a propagar esta ideia e converter-se à fé em Jesus.

Numa de suas viagens aproveitou a proximidade de Damasco e procurou Ananias revelando-lhe sua conversão e pedindo que Jesus o aceitasse como seu seguidor. Jesus encarregou Ananias de batizá-lo e o acolheu entre os seus acólitos. Por fim, disse-lhe que alguém com seus atributos morais e intelectuais estava destinado a levar a palavra renovada de Deus a todos os cantos da terra.

Finalmente mudando o seu nome para Paulo de Tarso estava pronto para partir e pregar a nova fé. Mas antes precisava conhecer a família de Jesus, receber a aceitação deles e mostrar ao povo de Jerusalém a sua conversão.

Conversou longamente com sua própria família, explicou-lhes o porquê de sua decisão e que estava realmente convencido da santidade de Jesus e mesmo do milagre da ressurreição.

- É, além da palavra dele, o pilar da doutrina. Mesmo que não se acredite na ressurreição da carne, mas crer numa nova vida é o que importa; renascer sob os olhos do Deus amoroso revelado para todos, o Deus do perdão e da misericórdia, o Deus da concórdia e da paz.

Joaquim o alertou para a intolerância e preconizou extremo cuidado. Todos da família o apoiaram irrestritamente

Parte em 40 para Jerusalém para encontrar-se com a família de Jesus.

A família de Jesus o acolhe, pois foram informados de sua conversão.

- Bem vindo em nome de Deus e do mestre. Que a sua conversão seja um exemplo do poder de Deus. – disse-lhe Tiago, irmão de Jesus.

- Como sabeis, fui escolhido por Jesus, ele mesmo, para levar sua mensagem aos povos mais distantes principalmente aos gentios, pois sua palavra é para todos. Decidi começar por Jerusalém e anunciar minha fé em Jesus no Sinédrio, pois assim todos saberão dos fatos verdadeiros.

Mantém-se incógnito por semanas até que se apresenta ao Sinédrio.

O sumo sacerdote Jônatas soube da presença de Saulo em Jerusalém e que ele pretendia se apresentar ao Sinédrio. Tratava-se de uma situação desconveniente pelo que as notícias sobre Saulo antecederiam sua apresentação. A história que se propagava era de que Saulo, depois de desaparecer por meses após o ataque às suas fileiras reaparecera em Tarso e retornara ao seu ofício de fabricante de tendas. Não fizera nenhum movimento para informar ao Sinédrio sobre o que acontecera. Surge agora em Jerusalém depois deste tempo e manifesta sua intenção de dirigir-se pessoalmente ao Sinédrio. Jônatas, dada a fama de Saulo, aquiesceu para que ele mesmo desse uma explicação sobre os fatos e os boatos. Convocou os membros do Sinédrio e antes da audiência, em reunião fechada trouxe Meselemias, o contador do templo, para que informasse aos sinedristas fatos inquietantes sobre as finanças da casa. As oferendas sacrificiais eram vendidas exclusivamente pelo Templo e tornaram-se parte importante da renda da organização e do sustento de seus líderes Meselemias foi direto ao ponto:

- Desde que esta seita de Jesus se espalhou, com grande rapidez por todas as cidades, preconizando que não eram mais necessários os sacrifícios rituais, diminuíram

em um quinto as receitas do templo afetando também a venda de amuletos e oferendas. Esta queda foi maior justamente em Damasco.

- O que propagam estes inescrupulosos de má fé? – juntou enfaticamente Jônatas - que os sacrifícios são desnecessários porque Jesus, auto propagado filho de Deus e seu enviado, absolvera a todos de seus pecados e que seu sangue vertido forjara a nova aliança com Deus. E mais, que não apenas os Judeus foram salvos, mas todos os gentios. Israel não é mais a nação dos escolhidos! Os rituais e normas prescritos no Pentateuco tornam-se inúteis. É uma heresia sem precedentes, pois vem exatamente de um judeu da casa de Davi. Como podemos tolerar isso?

Houve um rumor crescente de indignação e Jônatas completou:

- Vem ao nosso encontro Saulo de Tarso, o qual todos conhecem pelo zelo com a lei e rigurosidade no combate aos heréticos. Pois ele foi para Damasco exatamente para combater e aprisionar estes infiéis, mas desapareceu, tendo-se dito que fora atacado por bandoleiros. Após muitos meses começam a surgir boatos de que aderira à causa de Jesus e que inclusive dava testemunho que tivera a visão de Jesus ressurreto.

O vozerio aumentou com protestos e imprecações.

- Tragam o traidor – ouviu-se.

Saulo foi trazido à presença de Jônatas, e dos rabinos.

O silêncio tomou conta do recinto. Jônatas irrompeu calma e num tom contundente resumiu o que dissera antes e indagou a Saulo:

- Saulo de Tarso, o que tens a dizer sobre tudo isso?

Saulo disse:

- Quando saí daqui para Damasco estava convicto de que agia em nome de Deus, combatendo os heréticos e infiéis. Mas Deus tinha outros planos para mim. Logo na entrada da cidade de Damasco fui arrebatado por um imenso clarão que me cegou e me prostrou por muitos dias, nos quais fui cuidado e curado por Ananias. Nesta ocasião Jesus se me apresentou e então tive a certeza de sua ressurreição e do entendimento de sua palavra. Ele é o ungido, enviado por Deus para selar uma nova aliança, não apenas com o povo judeu, mas com todos os homens. Por ele temos a certeza da nova vida e do perdão dos pecados. Jesus redime, não se vinga. Seu amor é irrestrito e a ele devemos agradecer pela vida eterna.

Continuou sua apologia a Jesus como o messias esperado, o que enfurecia cada vez mais os sacerdotes. Abertamente pediam a morte de Paulo como herético, mas no meio de toda confusão Gamaliel, um bem conhecido fariseu membro do Sinédrio ponderou, talvez levando em conta sua admiração pelo ex-aluno:

- Prestai atenção a vós mesmos, homens do Sinédrio, quanto ao que pretendeis fazer com respeito a este homem. Digo-vos: deixai-o em paz senão podereis talvez ser realmente considerados como lutadores contra Deus. Ademais se trata de um romano

Eles, a contra gosto acataram o conselho de Gamaliel e soltaram o apóstolo.

Houve contudo contínuas ameaças a sua vida o que fez com que Paulo decidisse sair da cidade e voltar para Tarso.

Na sua fuga, temendo que em Jerusalém não tivesse local seguro para abrigar-se tomou a estrada e procurou refúgio na fazenda de Quintilius Flavius. Sendo um centurião romano não haveriam de buscá-lo lá. A família de Jesus que tinha como se comunicar com QF arranhou a sua estadia temporária.

Paulo, antes conhecido como Saulo, chegou à noite na fazenda, com apenas um acompanhante, Barnabé. Recebido por QF foi levado para uma choupana beirando um bosque e um rio, distante da estrada e da casa:

- Na choupana é mais seguro do que na casa – disse QF aos dois fugitivos - pois ocasionalmente recebo visitantes, mercadores, viajantes, legionários etc. Yussuf e Martius irão atendê-los. Se houver algum perigo há como sair daqui por um atalho longe da

estrada principal. Agora descansem, pois precisarão de todas as forças para fugir.

Dois dias após, quando Paulo e Barnabé preparavam-se para continuar a viagem a fazenda é visitada por três soldados romanos, um deles um centurião.

QF os recebe já acautelado sobre suas intenções, pois soubera que o Sinédrio oferecia uma recompensa pela captura de Paulo e Barnabé.

- Salve Quintilius Flavius, "doctoris armorum" da X<sup>a</sup> Fretensis, exemplo para todos nós das legiões. – Clamou Albinus, o centurião ao chegar à fazenda e ser recebido por QF.

QF conhecia Albinus que inclusive fora seu treinando. Era um valoroso soldado e por isso galgou logo a condição de centurião. Ambicioso, tinha pretensões de subir mais ainda nas legiões. Os outros dois eram mais novos e também. QF os conhecia mas não os treinara. Não havia nenhum motivo aparente para aquela visita o que fez com que QF concluísse que buscavam os dois judeus, pela recompensa.

- Sejam bem vindos Albinus e os milicianos, a que devo a cortesia desta visita? Por favor, ponham-se à vontade.

QF levou-os para o alpendre da casa onde havia bancos e uma mesa, que logo ficou cheia de frutas, pães e vinho, trazidas por Rula e as escravas a mando de QF.

Travaram um breve diálogo onde se apresentaram e relataram pequenos casos da X<sup>a</sup> Fretensis. QF em dado momento disse:

- Meu filho Martius serviu na VI<sup>a</sup> Ferrata até um ano atrás mas deu baixa devido a um ferimento de batalha.

- Eu servi na VI<sup>a</sup> Ferrata e conheço seu filho – Respondeu Livius, um dos soldados – Ele está por aqui?

- Sim, mas creio que está ocupado separando umas mulas que vendemos e que virão pegá-las logo. Mas há uma chance dele aparecer.

- Mas, Albinus, como já disse a que devo esta visita?

Albinus não se fez de rogado e foi direto ao ponto:

- Estamos atrás de dois judeus, que o Sinédrio recompensará a quem os capturar. Então soubemos que você tem boas informações sobre estes judeus e justamente viemos saber se você tem alguma pista. Há uma recompensa para quem der pistas que levem a eles.

QF sorriu para Albinus e calmamente lhe explicou de onde vinha aquela ideia de que tinha notícias dos judeus. Acrescentou:

- Realmente interroguei muitos deles enquanto investigava para Pilatus, mas isso foi tudo. Depois de algum tempo encontrei um tal de Saulo de Tarso, que julgo pelo que me disse é um dos procurados. Ele estava indo para Damasco a mando do Sinédrio, com uma guarnição para prender judeus recalcitrantes e achava que eu poderia ajudá-lo com informações. Pelos boatos que circulam foi atacado na estrada e está desaparecido desde então. Muito estranho que o Sinédrio tenha posto uma recompensa pela sua localização. Deve ter havido algo muito grave.

- Não sei os detalhes - esclareceu Albinus - mas ele reapareceu e ao que parece defendendo o tal de Jesus, que foi morto crucificado há alguns anos e que alega ter ressuscitado. Os seguidores deste fantasma Jesus, recusam-se a pagar o dízimo ao Sinédrio e comprar os sacrifícios rituais. Isto vem abalando as finanças do templo.

- Ah! Então é realmente uma reviravolta. Pois bem, acho que há pouca chance que ele dê com os costados numa fazenda de um centurião, ainda mais com a cabeça à prêmio, mas caso isso ocorra não deixarei de informá-lo. A recompensa é boa?

- Sim, muito boa. Por isso estamos agindo, aliás está todo mundo atento.

Neste momento apareceu Martius que logo reconheceu o ex-colega de Legião. Confraternizaram e a partir daí a conversa foi toda sobre lembranças. Algumas horas depois Albino e os soldados foram embora.

QF reuniu-se com seu filho e Yussuf e decidiram apressar a fuga dos judeus:

- Este Albinus não veio aqui à toa. Ele já deve saber ou está muito desconfiado que os fugitivos estejam aqui. Ele não foi embora, está tocado em alguma parte da estrada perto daqui esperando que os dois apareçam. Apenas não tem coragem de vasculhar minha propriedade. Usaremos o atalho para a fuga na noite de amanhã.

QF foi até a choupana para pô-los a par dos acontecimentos:

- Vocês sairão amanhã de madrugada. Irão pelo atalho até uma estrada pouco usada em direção a Jericó. Daí para Rabá e Tiro. Yussuf seguirá com vocês até a estrada.

Paulo e Barnabé agradeceram enfaticamente.

- Porque o Sinédrio que capturá-los se foram eles que o liberaram mais cedo?

Barnabé respondeu:

- Paulo é cidadão romano, portanto está fora do alcance do Sinédrio. Eles então estão pagando para quem matar Paulo. Os romanos não irão investigar a não ser que a família exija. Já no meu caso, por ser judeu...

- Eu tenho me instruído sobre esta seita, principalmente com Rula, minha nora que é judia e que crê em Jesus e conhece sua doutrina, mas ainda não tenho clareza quais as diferenças entre estas crenças que fazem os rabinos do Sinédrio tão intolerantes e raivosos. Você Paulo, que é um conhecedor da Lei mosaica e agora um fiel seguidor de Jesus pode me explicar?

- Sim – respondeu Paulo - Jesus é o messias enviado por Deus como anunciado pelos profetas, tanto que mesmo tendo sido morto, ressuscita. Os rabinos não aceitam isso de modo algum, mesmo diante das evidências. Ele refaz a aliança de Deus com os homens, não apenas com o povo eleito, os judeus, Para tanto redime a todos do pecado original e estabelece o perdão e o arrependimento como prática.

- Entendo que os rabinos não aceitem Jesus como Deus, é realmente muito radical para eles. Mas, para os romanos e talvez outros povos, seria apenas mais um Deus a adorar. Eu percorri quase todo o império e, acredite, o que mais existe são divindades. Os rituais judaicos não são vistos como sagrados pelos não judeus, como a circuncisão, pois nem mesmo seu significado é entendido. As restrições alimentares é outro ponto irrelevante para os não judeus, de modo que sobrou como ponto importante a ideia do pecado original, que é um tanto estranho para a maioria do povo e a ressurreição, que, não discuto mas é difícil de acreditar.

- Você mesmo encontrou com o Mestre.

- Deixe-me explicar melhor Paulo. Eu não acredito que Jesus tenha ressuscitado porque ele não morreu na crucificação e disto tenho certeza. Nunca declarei para Pilatus que o Galileu sobrevivera. Tive minhas razões para agir assim e não me arrependo, mas justamente pela soberba de Herodes e a pressa dos rabinos em anunciar a morte de Jesus que toda essa polêmica da ressurreição surgiu. Lógico, se o próprio Sinédrio espalha aos quatro ventos que o nazareno está morto e ele aparece por aí, só pode ser por um milagre divino. Agora isso não importa mais, de um jeito ou de outro Jesus ressuscitou.

- Tive também minhas dúvidas mas agora estou convicto que ele é o Messias e filho de Deus.

- Não contesto, que seja, mas isso não me obriga a aceitar tais fatos. E nem por isso deixo de admirar seus ensinamentos. Por exemplo, creio que realmente devemos respeitar o próximo, ser tolerante com o erro dos outros e perdoá-los tanto quanto possível. Apenas me espanto com esta história do pecado original. Eu sou romano, nunca ouvi falar em toda minha vida que nascera já com um pecado nas costas. Conheci centenas de povos e somente os judeus têm esta condição. Se eu quiser seguir os ensinamentos de Jesus jamais seria para redimir algo que nunca teve a ver comigo.

- Quintilus – respondeu Paulo – a palavra de Deus já o tocou.

Quintilus Flavius sorriu com certo desdém, mas deixou Paulo continuar.

- Você não precisa adotar nenhuma prática judaica, não precisa ser judeu, nem

precisa mesmo acreditar na ressurreição. Você apenas deve acreditar no que Jesus fala porque em algum momento todas suas outras crenças serão abandonadas pelo Deus único de quem Jesus é o enviado.

- Paulo, abandonar as crenças... eu não preciso – respondeu QF - porque já há muito tempo as abandonei. Acreditar no que Jesus prega, é fácil, o difícil é mudar os homens.

- Não lhe peço nada além de deixar sua alma aberta à palavra de Deus e seu filho Jesus.

QF argumentou mais alguns pontos os quais tinha curiosidade e educadamente encerrou a conversa pensando que Paulo não descansaria enquanto não o transformasse em discípulo de Jesus.

Finalmente na madrugada seguinte Paulo e Barnabé se foram, conduzidos por Yussuf até Jericó, 20 Km de distância. De lá seguiram sós para Nazaré, 80 km ao norte e daí para Tiro no litoral mediterrâneo a 56 Km. Levaram seis dias para cumprir esta jornada de 160 Km. Em Tiro, Paulo e Barnabé foram acolhidos por seguidores de Jesus e conseguiram embarcar em um navio para Tarso, ao norte. Levaram 4 dias navegando.

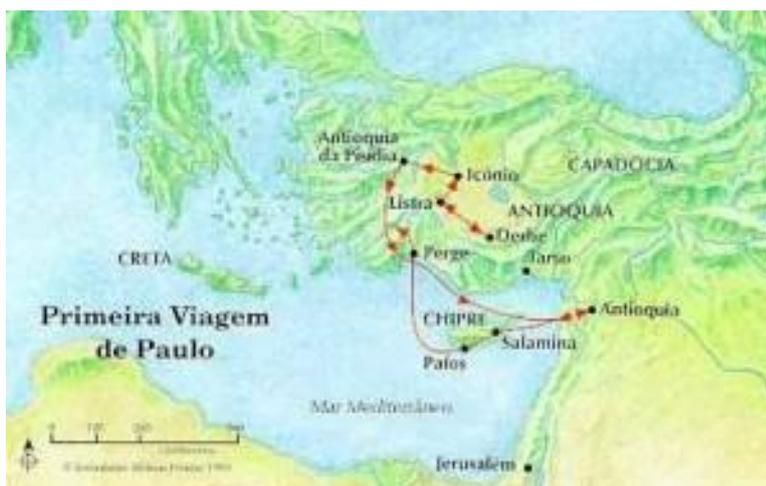
## As viagens de Paulo

Paulo revê a família e retoma seu trabalho de fabricante de tendas na oficina de seu pai. Por conta disso fazia muitas viagens às cidades circunvizinhas para atender às encomendas. Aproveitava tais ocasiões para entrar em contato com as comunidades convertidas à seita de Jesus. Dava seu testemunho e pregava os ensinamentos do mestre. Seu nome tornou-se muito conhecido mesmo entre os não judeus, gentios, como eram chamados, pois além da pregação Paulo fazia muita caridade com o dinheiro que lhe cabia nas vendas. Sempre que possível fazia-se acompanhar por Barnabé um discípulo de Jesus. Foi nas conversas com Barnabé que surgiu a ideia de empreender uma grande viagem de doutrinação. Barnabé, cuja família vivia em Chipre, convenceu Paulo que deveriam seguir para lá e daí para outras cidades no entorno. Decidiram começar por Antióquia, pois Paulo deveria atender alguns clientes desta cidade. Juntaram-se a eles Marcos, outro discípulo de Jesus.

. Permanece de 41 até 52 em Tarso tendo feito duas grandes viagens missionárias

### PRIMEIRA VIAGEM

No ano de 45 o trio parte de Antióquia para Chipre. Visitam em Chipre as cidades de Salamina e Pafos. Em seguida vão para Perga no continente, onde Marcos separa-se do grupo, Antióquia da Pisídia, Icônio, Listra e Derbe. Voltam para Antióquia e logo para Tarso. Percorrem todas as comunidades convertidas dando seus testemunhos sobre Jesus, principalmente a ressurreição. Percorrem 1200 km em três anos.



Barnabé procurava principalmente judeus nas sinagogas para fazer seu proselitismo. Era recebido com alguma cortesia mas sem muito sucesso na conversão de fiéis. Os rabinos proibiam a pregação em suas sinagogas e demonstravam claramente seu descontentamento. No entanto a comunidade crescia.

Paulo dirigia-se os gentios, nos templos pagãos, nos teatros

e nas feiras públicas. O interesse que despertava rendeu muitos adeptos à seita de Jesus. Suas sessões eram entremeadas por perguntas referentes às obrigações e recompensas das pessoas se aderissem à crença:

- Paulo, o que ganho acreditando em Jesus?
- A imortalidade de sua alma.

Deste ponto em diante Paulo esplanava a doutrina de Jesus mas precisava responder certas perguntas que o fazia lembrar-se do diálogo que tivera na casa de QF.

- Porque dizes que nascemos em pecado? – era uma questão frequentemente levantada.

- Porque há certos alimentos que não podemos comer? O que isto tem a ver com a vida correta?

Paulo respondia de acordo com os ensinamentos do Pentateuco. mas sem convencer muito as pessoas. A maior polêmica, no entanto era com relação à circuncisão. Alguns convertidos demonstravam claramente sua discordância com esta prática. Paulo discutia isso com Barnabé e outros discípulos:

- Jesus deixou claro que a palavra de Deus é para todos e que a conversão à nova aliança prescinde de que se atenda aos antigos ritos e a circuncisão é um deles.

- Mas se o fiel quiser cumprir este preceito, bem como outros não devo interferir – argumentou Barnabé.

- Mas não deve encorajá-los – respondeu Paulo – pois isto poderia ser entendido que há devotos mais puros que outros, quando Jesus prega a igualdade de todos nós junto a Deus.

- Mesmo assim – acrescentou o discípulo Marcos – a tradição é muito forte e pode afugentar as pessoas do caminho de Mestre.

- Devemos então nos esforçar para que ele não se desvie da verdade, mostrar que pela compaixão de Deus, através de seu filho ressurreto, não há preceito maior do que ser misericordioso, amar ao próximo e praticar caridade. Nossas falhas devem ser corrigidas nesta vida, em nome de Deus, que antecipadamente já nos livrou de todo mal.

- É mais fácil pregar isto entre os gentios do que entre os judeus - asseverou Barnabé.

- Devemos, no entanto ter um comportamento uniforme quanto a essas questões.

As discussões prolongavam-se e cada discípulo respondia de acordo com sua consciência e entendimento. Os gentios de origem grega da região, principalmente da cidade de Antióquia, chamavam os discípulos de Jesus de cristãos.

- Quem começou a nos chamar assim? – Perguntou Onésimo, um dos discípulos.

- Foram os gregos, primeiro como um chiste, mas agora está virando um jargão. Não me oponho, já que seu significado é quase apropriado; os ungidos! – Marcos respondeu.

- Pois que seja – clamou Paulo – somos cristãos, ungidos, escolhidos, e como tal os cristãos devem ter uma só prática. Não haverá um ritual diferente para cada grupo, sejam judeus ou gentios todos seremos cristãos!

O fato é que este termo ganhou popularidade e de certo modo serviu para identificar o grupo de devotos de Jesus. Mas não resolveu as diferentes compreensões entre eles.

A comunidade de cristãos ampliava-se principalmente entre as cidades helenizadas e muito entre os não judeus. As reuniões de catequese estavam concorridas e havia várias solicitações pela presença dos discípulos. Cartas eram enviadas pedindo esclarecimentos sobre diferentes temas.

Alguns missionários, principalmente da Judéia, ensinavam que era necessária a circuncisão segundo o rito de Moisés, pois do contrário suas almas não poderiam ser salvas.. A controvérsia ia além da simples admissão da prática, tinha contornos

doutrinários. Nos encontros dos apóstolos e presbíteros o assunto era seguidamente discutido.

- A maior contestação que encontro é quanto à ressurreição – asseverou Marcos – principalmente entre os não judeus. Já entre os judeus há certa resistência a princípio mas logo, com os testemunhos apresentados eles se convencem. Faço-lhes ver que mesmo o Sinédrio deu conta de que Jesus morrera crucificado e que há inúmeras testemunhas entre os apóstolos e não crentes que viram, falaram e tocaram em Jesus depois de sua morte. Ademais, os judeus já conhecem as profecias e reconhecem Jesus como Messias.

- Marcos tem razão – completou Onésimo – entre os gentios é preciso primeiro ensinar-lhes as leis mosaicas, a história e convencê-los a adorarem o Deus único e verdadeiro. Depois temos de instruí-los nas profecias e na vinda de Jesus, o messias. Muitos aceitam as palavras do mestre, mas continuam em suas devoções aos deuses domésticos, os Lares.

Paulo recapitulou mentalmente as inúmeras vezes que fora contestado a respeito da ideia de pecado, principalmente o pecado original e a conseqüente indagação sobre a remissão destes pecados pelo Mestre, seu martírio e da ligação disto com a ressurreição:

- Eles sempre me contestam perguntado se Jesus sendo filho de Deus, o todo poderoso simplesmente não impediu martírio de seu filho – acrescentou Paulo - Isto põe uma questão inquietante que é a relação entre o pecado original de todos nós e a redenção obtida pela morte e ressurreição e Jesus. E ainda dizem que o pecado original é somente dos judeus além do que Jesus não precisaria ter sido torturado e morto para salvá-los. Salvá-los de que? Talvez salvar os judeus que erraram tanto com Deus mas não a eles que só vieram a conhecer Jesus agora. Eu nem sempre consigo convencê-los da importância do pacto entre Deus e os homens. Eles respondem “- Deus fez esta aliança com os judeus somente, portanto que acertem as contas entre si”.

- Então – perguntou Barnabé – o que os atrai mais para aceitarem a palavra do mestre?

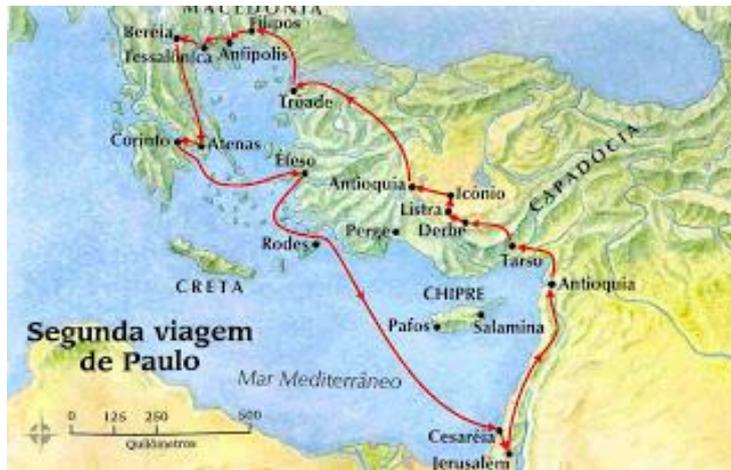
Timóteo, um dos apóstolos interveio:

- Creio que ter um Deus apenas, não se submeter ao poder dos sacerdotes, não precisar pagar sacrifícios nem tributos ao templo, a promessa de uma nova vida para a alma, o completo livre arbítrio para sua existência, o respeito ao próximo e a si mesmo e a igualdade e justiça perante a Deus são as melhores explicações para a adesão de novos seguidores. A ressurreição é a esperança dessa nova vida. Quanto aos preceitos da vida judaica, não fazem nenhum sentido para eles e nem serão seguidos. Também acho que a paz de Jesus prescinde disto.

Houve apoios e protestos como sempre, e não se decidiu nada em relação a adotar um comportamento consensual quanto a estes temas.

## **SEGUNDA VIAGEM**

No ano de 49, os apóstolos e presbíteros decidem que deveriam fazer uma segunda viagem missionária, mais ampla do que a primeira para acompanhar as comunidades que propagavam o cristianismo. Paulo, Silvano partem para um périplo às cidades de Derbe, Listra (onde se lhes junta o jovem Timóteo), Icônio e Antioquia. Chegam à Galácia, Tróade (onde se lhes junta Lucas), Neápolis, Filipos, Tessalónica, Bereia, Atenas e Corinto, onde permaneceram dois anos e retornam no ano 52 para Antioquia. .



Durante esta segunda viagem, à medida que se reuniam nas cidades ocorreram sérias divergências entre os apóstolos, presbíteros e discípulos relativas à aplicação da lei mosaica aos cristãos. Algumas congregações com maioria de gentios chegou mesmo a afastar os judeus e não menos frequente os grupos judeus recusavam-se a participar de atos conjuntos com os gentios. O assunto foi ficando sério e afetou

inclusive o relacionamento entre os apóstolos e presbíteros. Barnabé e Paulo discutiram acerbamente diante da congregação de Atenas.

- Vocês devem aceitar a palavra de Deus, através de seu filho Jesus, inclusive os ritos previstos na Lei. Devem circuncidar seus filhos, no mínimo, e abster-se das comidas profanas e preparar as permitidas segundo as regras da Torá. – Pregava Barnabé.

Paulo, no entanto disse na mesma congregação a estes questionamentos:

- Muitos de vocês têm dúvidas sobre como se conduzir quanto às leis mosaicas, como educar seus filhos, o que comer. Pois lhes digo que não se importem com todas as regras anteriores, Jesus foi claro quando disse que todos foram e serão perdoados de seus pecados desde que sigam suas palavras, vivam na virtude e na justiça, independentemente do povo a que pertença e das práticas correntes que adotem.

Os fiéis passaram a brigar por estes preceitos e a cisma entre diferentes grupos só se acirrou. Barnabé e outros interpelaram Paulo:

- Porque dizes isto? Por acaso é errado que sigam a Lei e seus preceitos? Se eles creem em Jesus e o seguem devemos aceitá-los no que é principal e respeitar seus comportamentos.

- Tens medo da tua fé? – respondeu azedamente Paulo aos que o contestavam – foi o próprio Mestre que estabeleceu isso. Não devemos cobrar de seus seguidores nada além do que ele exige, que é a fé nas suas palavras, na redenção pelo arrependimento e na ressurreição. O resto é passado.

- Não podes por em dúvida a minha devoção -. Respondeu irado Barnabé.

- Por que te irritas? Não contesto a tua fé que está à prova a cada momento, mas a tua devoção que se afasta do caminho reto.

- Ora, isto não seria relevante se não afetasse nossa missão. Os discípulos estão confusos. Como podem crer nas nossas palavras se os confundimos?

O debate praticamente virou um bate-boca diário e era presenciado por muitos. O assunto se espalhou na comunidade que frequentemente comentava nas reuniões “Os apóstolos não se entendem”; “Jesus, que ressuscitou deveria resolver este assunto pessoalmente”; “Por via das dúvidas continuo a seguir as regras da Torá”; “Eu não vou adotar este hábitos dos judeus, não nasci judeu e não entendo o que eles pregam”.

Por três anos sendo notável o aumento das congregações cristãs houve mais divergências nestes temas a tal ponto que o assunto chegou aos apóstolos e presbíteros cristãos em Jerusalém. Paulo, Barnabé e outros resolveram ir a Jerusalém para submeter a situação aos patriarcas.

## O CONCÍLIO

Em 52 reuniu-se discretamente em Jerusalém a assembleia dos apóstolos e presbíteros para tratar desta questão.

Pedro tomou a palavra em meio à discussão disse:

- Irmãos, vocês sabem que há muito tempo Deus me escolheu dentre vós, para que da minha boca ouvissem os gentios a palavra do Evangelho. Ele, que conhece os corações, apresentou testemunho a favor deles, dando-lhes o Espírito Santo, como também a nós, e não fez distinção alguma entre nós e eles, purificando os seus corações pela fé. Agora, pois, por que desafiáis a Deus, pondo o peso destas dúvidas nos ombros dos discípulos que não podem suportá-las? Mas, cremos que pela graça do Senhor Jesus estamos salvos, assim como eles. Ninguém senão Jesus pode dirimir esta dúvida.

Toda a assembleia calou-se.

Surgindo em meio aos circunstantes Jesus mostrou-se.

Houve um murmúrio de espanto na audiência. Isto porque muitos jamais tiveram esta experiência de encontrar o Mestre em carne e osso. O silêncio que se abateu era entrecortado por sons dos soluços de alguns. Jesus foi para o púlpito onde estavam os apóstolos e falou:

- Eu em nome do Pai, visitei os gentios, para tomá-los um povo devotado ao Seu nome. Pois digo que não se deve perturbar os gentios que estão se convertendo, mas instruí-los que apenas se abstenham coisas sacrificadas aos ídolos, da fornicação, do sangue e da carne dos animais sufocados.

Por ser a palavra do próprio Jesus todos acataram.

Jesus pregou ainda por um tempo, abençoou a todos e se foi logo em seguida.

O Concílio continuou sob a tremenda impressão do aparecimento de Jesus.

Então os apóstolos e presbíteros e toda a igreja decidiram enviar uma carta a todas as congregações esclarecendo as decisões do Concílio, sob a direta inspiração do Espírito Santo, que dizia:

*“Dos apóstolos e presbíteros, aos irmãos dentre os gentios em Antioquia, na Síria e Cilícia, na Grécia, em Jerusalém e por onde houver discípulos de Jesus Cristo. Saúde.*

*Soubemos que alguns dentre nós, aos quais não demos mandamento, vos têm perturbado com palavras, subvertendo as vossas almas, então pareceu-nos bem chegar a um acordo e, com a inspiração do Espírito Santo, decidi-se que os cristãos se abstenham de sacrifícios aos ídolos, da fornicação, do sangue e da carne dos animais sufocados.*

*A salvação foi-nos dada, para todos os homens, por Deus através de seu filho Jesus, portanto não é mais necessário seguir os rituais de circuncisão ou preceitos da lei mosaica.*

*Os portadores desta carta principalmente Paulo, Barnabé e Tiago devem ser respeitados como legítimos apóstolos da igreja de Jesus Cristo assim como Judas e Silas que têm exposto as suas vidas pelo nome de nosso Senhor Jesus Cristo”.*

## PÓS-ESCRITO

Jesus viera de Damasco para o Concílio com a ajuda de QF tendo inclusive por segurança se hospedado em sua casa. Ananias contatara QF por direta indicação de JC que confiava no centurião.

QF nunca se converteu ao cristianismo, mas sua nora Rula já era cristã e atribuía a salvação de seu marido o centurião Martius Flavius filho de QF, gravemente ferido numa batalha pela VIª Ferrata, às preces que dirigira a JC.

No fim desta 3.<sup>a</sup> viagem, logo que Paulo entra em Jerusalém, em 58, os seus adversários voltam ao ataque: Paulo é preso, comparece diante do Sinédrio e para escapar a uma agressão dos judeus é transferido para Cesareia pelas autoridades romanas. Aqui compareceu diante do procurador Félix. Passados dois anos Paulo apelou para o imperador. No Outono do ano 60, Paulo, acompanhado por Lucas, parte para Roma, preso e guardado por um centurião. Depois de terem naufragado em Malta, onde passaram o Inverno, chegaram a Roma na Primavera do ano 61.

Vive em Roma de 61 até 67 quando é executado.

Até o ano de 62, Paulo escreveu suas epístolas, das quais treze conseguiram sobreviver: 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> aos Tessalonicenses, aos Gálatas, aos Filipenses, 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> aos Coríntios, aos Romanos, a Filemon, aos Colossenses, aos Efésios, 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> aos Timóteo e aos Hebreus. Nas epístolas, trata da doutrina, da ética cristã e da organização da Igreja. Alguns afirmam que durante este período teria viajado para a Ibéria.

Em 64, após o incêndio em Roma, cuja culpa o imperador Nero imputou aos cristãos, Paulo é novamente preso e levado para os arredores de Roma quando alegadamente em 67 foi decapitado.